

METILFENIDATO (RITALINA) PRESCRIÇÃO MÉDICA: UMA REALIDADE ENTRE ESTUDANTES DA FACULDADE UNIDA DE CAMPINAS

METILFENIDATO (RITALINA) PRESCRIÇÃO MÉDICA: UMA REALIDADE ENTRE ESTUDANTES DA FACULDADE UNIDA DE CAMPINAS

LOPES, Gabriel Soares¹; **RODRIGUES**, Keylla Cristina dos Santos²; **REIS**, Lídia Cristina Gonçalves dos³; **FILHA**, Raimunda Cesário da Silva⁴; **SOUSA**, Rita de Cássia Neves Vasconcelos de⁵; **SILVA-FILHO**, Ernandes⁶

RESUMO

O consumo de Metilfenidato (Ritalina®) sem prescrição entre estudantes universitários tem crescido devido à procura por aprimoramento no rendimento escolar e resistência dos colegas de classe. O estudo examinou as razões, a frequência de uso, os efeitos percebidos e os perigos para a saúde mental e física, constatando que muitos alunos tomam o medicamento sem a supervisão de um profissional de saúde. Foi observado que, apesar de o uso proporcionar maior concentração, ele pode acarretar efeitos colaterais consideráveis e até mesmo dependência. A normalização do uso de estimulantes no meio acadêmico evidencia a necessidade de maior sensibilização acerca dos perigos e a criação de métodos saudáveis para administrar o tempo e a pressão psicológica.

Palavras-chaves: Metilfenidato. Concentração. Rendimento acadêmico. Uso indiscriminado.

ASBTRACT

The consumption of Methylphenidate (Ritalin®) without prescription among university students has grown due to the search for improved academic performance and resistance to pressure from classmates. The study examined the reasons, frequency of use, perceived effects and dangers to mental and physical health, finding that many students take the medication without the supervision of a healthcare professional. It was observed that, although its use provides greater concentration, it can cause considerable side effects and even dependence. The normalization of the use of stimulants in academia highlights the need for greater awareness of the dangers and the creation of healthy methods to manage time and psychological pressure.

Keywords: Methylphenidate. Concentration. Academic performance. Indiscriminate use.

¹ Graduando em Farmácia. (Gabriel Soares Lopes. Farmácia. Gabriel111lopes@hotmail.com)

² Graduanda em Farmácia. (Keylla Cristina dos Santos Rodrigues. Farmácia. keyllaprojota20@gmail.com)

³ Graduanda em Farmácia. (Lídia Cristina Gonçalves dos Reis. Farmácia. lidia040992@gmail.com)

⁴ Graduanda em Farmácia. (Raimunda Cesário da Silva Filha. Farmácia. cesarioraimunda2021@gmail.com)

⁵ Graduanda em Farmácia. (Rita de Cássia Neves Vasconcelos de Sousa. Farmácia. ritanvs18@gmail.com)

⁶ Dr. em Medicina Tropical e Saúde Pública - Imunologia e Parasitologia pela UFG (Ernandes da Silva Filho. Farmácia. ernandes.filho@facunicamps.edu.br)

1. INTRODUÇÃO

Os estimulantes cerebrais são frequentemente usados por alunos no Brasil e globalmente para aprimorar o rendimento escolar. Essas substâncias são capazes de elevar o estado de alerta e a motivação, além de terem propriedades antidepressivas, contribuindo para uma melhoria no humor e na performance cognitiva, sendo o Metilfenidato, conhecido como Ritalina, um dos fármacos utilizados para esse propósito. Os principais impactos dos estimulantes do sistema nervoso central (SNC) incluem o aprimoramento da atenção e da memória, raciocínio mais rápido e diminuição da demanda por sono noturno (Schuindt; Menezes Carvalho; Abreu, 2021).

Atualmente, o metilfenidato possui três aplicações não farmacológicas: recreativas, para estender o estado de vigília e aumentar a energia durante momentos de diversão; estéticas, para ajudar na perda de peso; e cognitivas, para aprimorar a performance cognitiva em ambientes profissionais e acadêmicos. No Brasil, no ano de 2021 foi realizada uma pesquisa quantitativa, a qual apontou um crescimento do uso de Ritalina®, destacando seu uso para o sexo masculino, que chega a 82,8% da população geral (Brito; Lima, 2022). Foi observado, também, um crescimento de 164% no uso de metilfenidato, apresentando uma queda acentuada nos períodos de férias. Em 2009, os números já mostravam destaque, mas foi em 2011 que houve um aumento significativo, com mais de um milhão de unidades do princípio ativo comercializadas em farmácias e drogarias do país, representando um crescimento de cerca de 30%. Apesar dos dados sugerirem um aumento na utilização, é crucial averiguar se essa prática está sendo executada de maneira segura (Rabelo *et al.*, 2023).

A utilização de metilfenidato entre estudantes tem aumentado ao longo dos anos, motivada pelos impactos positivos que a substância pode causar no rendimento dos alunos durante as aulas, mesmo não sendo um medicamento prescrito especificamente para esse propósito. Embora algumas pesquisas sugiram que o consumo da substância pode potencializar o desempenho acadêmico, os perigos à saúde ligados ao consumo prolongado não devem ser negligenciados (Conceição *et al.*, 2019).

O metilfenidato pode provocar dependência e graves reações adversas, como problemas cardiovasculares, alterações psiquiátricas, dependência e problemas neurológicos. Sua crescente utilização, frequentemente sem receita, suscita inquietações. O estudo procura analisar os perigos e vantagens deste composto, particularmente no ambiente acadêmico, onde sua utilização não prescrita se tornou habitual para aprimorar o rendimento. A pesquisa tem como objetivo entender as origens desse fenômeno e fomentar ações e políticas públicas para alertar

sobre os riscos do uso impróprio de estimulantes, auxiliando na promoção de práticas acadêmicas mais saudáveis e estratégias de prevenção (Madriaga; De Senna Junior, 2021).

O objetivo geral deste estudo é examinar os elementos que afetam o uso não recomendado de metilfenidato (Ritalina) por alunos e suas implicações para a saúde e o rendimento acadêmico. Além disso, objetiva-se identificar as razões que levam os alunos a usar o medicamento de forma não supervisionada, verificar os impactos relatados no rendimento escolar e na saúde física e mental dos usuários, e examinar a visão dos alunos sobre os perigos e as vantagens ligados ao uso de metilfenidato sem prescrição médica.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A primeira síntese do metilfenidato (MPH) ocorreu em 1944 e, em 1955, a Ciba-Geigy (atualmente Novartis) obteve permissão para comercializá-lo sob a marca Ritalina®. Nos anos 1960, o medicamento começou a ser empregado no tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), uma condição neurobiológica que normalmente se apresenta na infância, atingindo aproximadamente 3% das crianças, com maior incidência em meninos, e que muitas vezes continua na fase adulta. A Ritalina® começou a ser vendida no Brasil aproximadamente em 1988, tornando o país o maior comprador global do medicamento (Campos; Awelino; Romanichen, 2020).

A utilização de metilfenidato para o melhoramento do desempenho cognitivo é uma realidade entre os alunos universitários analisados, e sua incidência ultrapassa a população em estudo, alcançando de maneira relevante a comunidade acadêmica do Brasil. Os achados do presente autor sugerem que a prevalência desse uso entre estudantes universitários no Brasil se assemelha aos índices registrados nos Estados Unidos, onde o assunto já é visto como um problema de saúde pública. Nos Estados Unidos, 6,9% dos alunos de 39 universidades admitiram o uso de psicoestimulantes para melhorar o rendimento, em contraste com 5,3% dos jovens de 18 a 24 anos que adotam a mesma prática (Cândido *et al.*, 2019).

Aproximadamente 60% dos estudantes universitários do Brasil que usam psicoestimulantes, como o metilfenidato, têm como objetivo aprimorar o rendimento escolar. Existe a necessidade de supervisionar e evitar o uso excessivo dessas substâncias, especialmente em razão das discussões acerca da efetividade do metilfenidato no aprimoramento neuronal e dos sérios riscos cardiovasculares e psicológicos ligados à sua utilização, como o agravamento de sintomas psicóticos ou maníacos já existentes (Cândido *et*

al., 2019).

Pesquisas adicionais realizadas no Brasil e em diversos outros países destacaram taxas preocupantes de uso de metilfenidato, especialmente em contextos não prescritos. Nos Estados Unidos, o índice chega a 18%, enquanto em Israel e em nações africanas atinge 17%. No norte do Irã, a taxa é de 11%, e no Paquistão, 9%. Esses números refletem uma tendência global de utilização inadequada desse estimulante, muitas vezes impulsionada pela pressão acadêmica, busca por desempenho cognitivo elevado ou até práticas culturais específicas. Esses dados reforçam a necessidade de ações globais para compreender melhor as motivações por trás desse uso e para implementar políticas que previnam o abuso, promovendo o uso responsável e seguro desse medicamento (Amaral *et al.*, 2022).

De acordo com estudos realizados, há uma grande quantidade de atividades e exigências que os alunos enfrentam ao entrar na universidade, levando-os a escolher estratégias arriscadas para melhorar o rendimento acadêmico. Dentre elas, o uso de metilfenidato é bastante comum, e nos estudos examinados, várias reações adversas foram identificadas ligadas à sua utilização. Dos 17 efeitos mais frequentes, taquicardia e palpitações são os mais citados, ocorrendo em 16% dos casos (Praxedes; Filho, 2021).

Esses efeitos incluem boca seca (12%), diminuição do apetite (9%), ansiedade (9%), dor de cabeça (9%), insônia (9%) e fadiga após o uso (9%). Outros sintomas mencionados incluem náuseas (6%), elevação do estresse (4%), dependência de doses (4%), tremores (4%), tremores nas mãos (3%), arritmia (1%), anorexia (1%), diminuição da sensação de bem-estar (1%), visão embaçada (1%) e euforia (1%). Estes dados evidenciam os riscos consideráveis ligados ao uso deste medicamento sem a devida orientação médica (Praxedes; Filho, 2021).

Pesquisas indicam que, entre todas as Unidades Federativas (UF) do Brasil, Rondônia foi a que apresentou o maior consumo de metilfenidato aproximadamente 28,2% . Na região Norte, Rondônia liderou o consumo, enquanto Amazonas e Acre registraram os índices mais baixos. De acordo com os autores, o metilfenidato é frequentemente empregado no tratamento de distúrbios psicológicos em crianças, adolescentes e, frequentemente, em idosos, que exibem diversas manifestações de psicose. Inicialmente, na década de 1950, era utilizado no tratamento de idosos com distúrbios neuropsíquicos, sendo posteriormente estendido para crianças e adolescentes. No momento, o Brasil ocupa a segunda posição entre os maiores prescritores e consumidores de cloridrato de metilfenidato, sendo os EUA o primeiro, destacando a necessidade de maior controle e regulamentação sobre sua prescrição, aquisição e uso (Pereira

et al., 2020).

Este estudo discorre sobre a hipótese de que o uso não recomendado de metilfenidato (Ritalina®) por alunos está ligado à pressão por desempenho acadêmico e à procura por maior produtividade em um cenário competitivo. Acredita-se que muitos se submetem ao medicamento sem a devida compreensão dos riscos, motivados por relatos de colegas e pela expectativa de melhoria cognitiva. Adicionalmente, considera-se que o uso descontrolado pode resultar em impactos negativos para a saúde física e mental dos alunos, além de gerar dependência psicológica.

3. METODOLOGIA

Este estudo empregou um método de pesquisa quantitativa, buscando em valores numéricos dados para corroborar com a pesquisa, unida à pesquisa da literatura, utilizando um questionário estruturado, com o propósito de examinar o uso de cloridrato de metilfenidato (Ritalina®) sem receita médica entre estudantes. O foco recaiu sobre as motivações, a frequência de uso, as fontes de obtenção e a visão dos participantes sobre o efeito e os perigos relacionados. O grupo de pesquisa incluiu alunos de cursos universitários, principalmente do curso de Farmácia da Faculdade Unida De Campinas – Facunicamps, que responderam ao questionário entre os dias 28 de setembro e 15 de outubro de 2024, totalizando 65 participantes. A amostra consistiu em pessoas de ambos os sexos e com idades compreendidas entre 18 e 40 anos, selecionadas de maneira aleatória e voluntária.

Os critérios de inclusão incluíram pessoas de todas as idades e de ambos os gêneros que concordaram em participar do estudo. Em contrapartida, aqueles que se recusaram a se inscrever foram excluídos. A aplicação do questionário contou com questões fechadas que trataram de aspectos específicos do uso desse medicamento sem prescrição, frequência e razões de uso, além da percepção de eficácia e efeitos adversos. Depois de coletados, os dados passaram por análises estatísticas descritivas e inferenciais, que incluíram contagem de frequências, cálculos de tendência central e comparação de categorias, com o objetivo de reconhecer padrões e possíveis relações entre as variáveis em estudo. Essas avaliações proporcionaram uma perspectiva completa sobre o comportamento e as percepções dos participantes em relação ao uso não recomendado de Ritalina®.

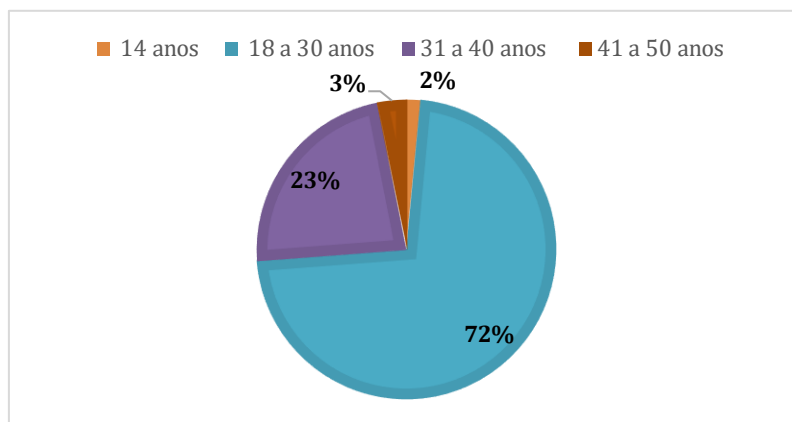
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A maioria dos respondentes está na faixa etária de 18 a 30 anos, indicando que o uso de Ritalina® sem prescrição médica é mais prevalente entre jovens adultos, possivelmente devido às altas demandas acadêmicas e profissionais dessa fase (**Figura 01**). Vale ressaltar que a minoria é na fase adulta, sendo que a demanda das atividades é um pouco diferenciada. Grande parte já possui uma profissão mais norteada e já tem família, estudando possivelmente para uma segunda opção de carreira, ou seja, sua segunda graduação. Sendo assim, os participantes entre 41 e 50 anos de idade representaram apenas 3% da pesquisa.

Estudos realizados apontaram uma grande variação na frequência de uso de medicamentos, associada ao padrão de uso analisado (estudantes), seja com ou sem prescrição, antes ou depois de ingressar na universidade, e variando conforme o país de realização da pesquisa. A maior prevalência de uso de metilfenidato (MPH) foi encontrada em estudantes de países da América Latina. Em Porto Rico, a prevalência atingiu 47,4%, enquanto no Paraguai, 45% dos estudantes entrevistados confirmaram o uso, sendo que 33% deles estavam usando o medicamento sem prescrição médica. No Brasil, 34,2% dos estudantes de medicina de uma universidade no Rio Grande do Sul relataram o uso, sendo que 23% o fizeram sem uma recomendação apropriada (Acosta *et al.*, 2019).

O estudo mais recente no Brasil, divulgado em 2016, apontou que 20% dos estudantes já tinham usado o medicamento pelo menos uma vez. Por outro lado, uma pesquisa no Rio de Janeiro, conduzida em 2013, revelou que 23,7% dos alunos usaram o medicamento em algum momento. Adicionalmente, um estudo de literatura de 2013 indicou uma variação no uso do MPH de 3 a 16% entre os estudantes, com 14,5% reconhecendo ter usado o MPH para aprimorar o rendimento escolar (Amaral *et al.*, 2022).

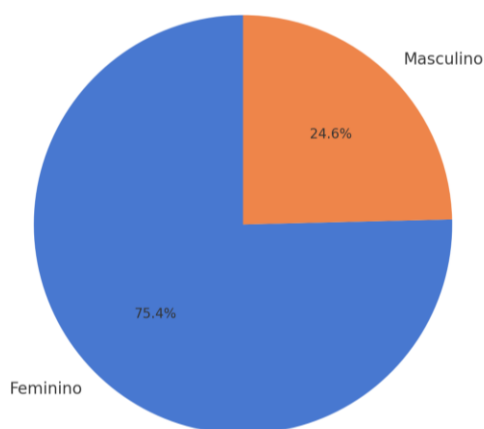
Figura 01: Idade dos participantes da pesquisa.



Fonte: Autoria própria.

A distribuição de gênero foi relativamente desequilibrada, com uma predominância feminina, sugerindo que o uso desse medicamento não é limitado a um gênero específico (**Figura 02**). Dessa forma, a questão da concentração e a busca por melhores rendimentos está bem distribuída por ambos os sexos.

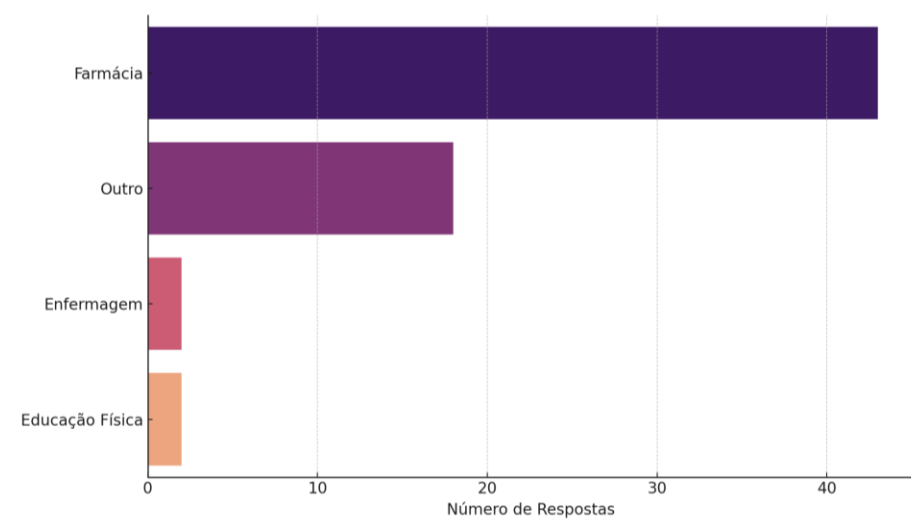
Figura 02: Gênero dos participantes da pesquisa.



Fonte: Autoria própria.

A maioria dos respondentes é do curso de Farmácia, o que pode refletir uma familiaridade maior com medicamentos entre estudantes dessa área, que têm maior acesso a informações sobre substâncias como a Ritalina® (**Figura 03**). É possível observar ainda uma facilidade de conseguir acesso a esse tipo de medicamento, aos conhecimentos sobre a eficácia desse medicamento e aos seus possíveis efeitos colaterais, sendo assim, o indivíduo sabe se decidir se será mais benéfico ou maléfico para a situação que será usado.

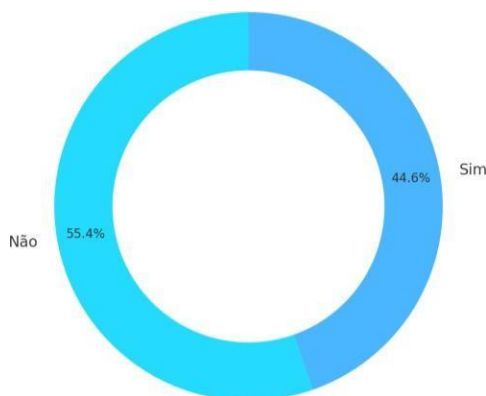
Figura 03: Cursos dos participantes da pesquisa.



Fonte: Autoria própria.

Cerca de 40% dos participantes já usaram Ritalina® sem prescrição, enquanto os 60% restantes afirmaram nunca ter usado (**Figura 04**). Esse dado aponta para um comportamento significativo de uso entre estudantes, apesar de a maioria ainda preferir evitar o medicamento sem orientação médica, sendo que o número elevado sem prescrição é considerado um problema pelos danos que o uso indiscriminado pode trazer para o estudante.

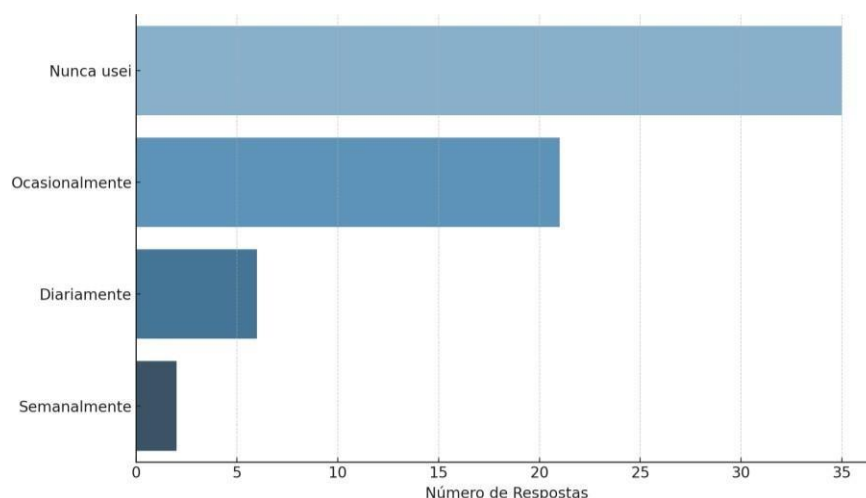
Figura 04: Uso prescrito ou não prescrito da Ritalina ®.



Fonte: Autoria própria.

Entre os que o utilizam, o padrão de uso é majoritariamente ocasional, indicando que os estudantes recorrem à Ritalina® em situações pontuais, possivelmente durante períodos de pressão acadêmica, sendo que geralmente pode ser por pressão de uma prova ou trabalho difícil de ser entregue (**Figura 05**).

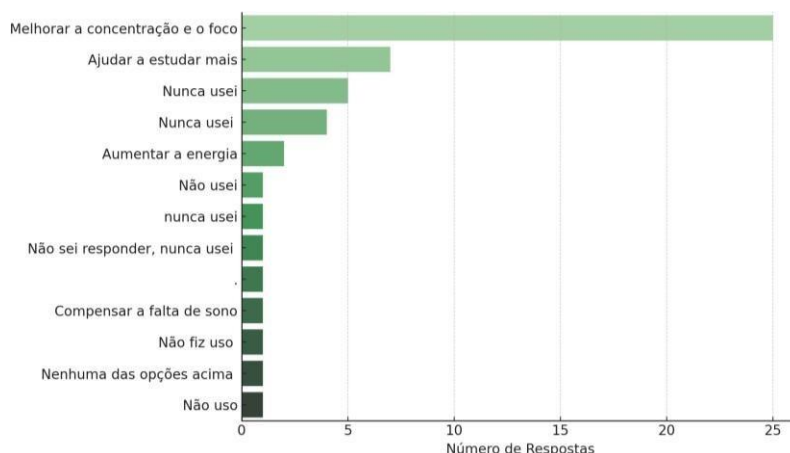
Figura 05: Frequência de uso de Ritalina®.



Fonte: Autoria própria.

O principal motivo para a utilização deste medicamento é a procura por maior concentração e foco, o que demonstra que é comumente percebido como um auxiliar no desempenho e na produtividade no ambiente acadêmico (**Figura 06**). Para muitos, esses fármacos proporcionam um diferencial competitivo, auxiliando a lidar com elevadas exigências de estudo e pressão por resultados. Ademais, a ideia de que tais substâncias podem estender o tempo de estudo e melhorar a habilidade de memorização faz com que sejam cada vez mais buscadas, particularmente durante períodos de exames ou prazos apertados. No entanto, essa prática suscita inquietações acerca dos potenciais efeitos adversos e da ética na utilização de medicamentos originalmente criados para tratar condições específicas como o TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade).

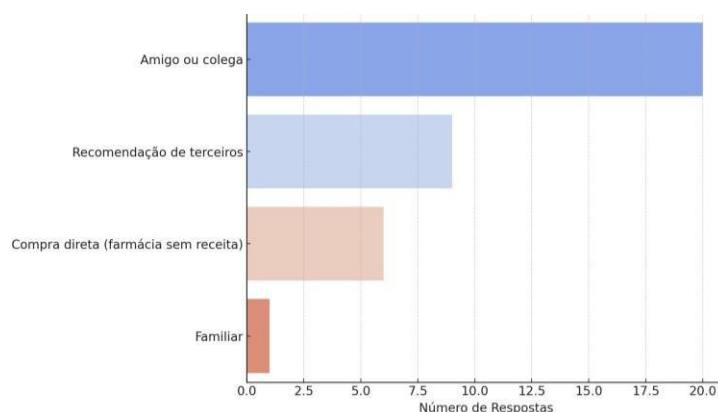
Figura 06: Razão do uso de Ritalina®.



Fonte: Autoria própria.

A aquisição de Ritalina® por alunos, geralmente através de indicações informais de amigos ou colegas, evidencia um aumento da influência social e a normalização do uso desses fármacos no contexto universitário (**Figura 07**). Numerosos jovens consideram a Ritalina um recurso satisfatório para aprimorar o rendimento escolar, seja para longas jornadas de estudo ou para intensificar a atenção em atividades complexas. A exigência de resultados e a busca por uma vantagem competitiva estimulam essa conduta, promovendo uma cultura de uso que frequentemente desconsidera a exigência de receita médica. Isso auxilia no aumento dos perigos para a saúde e das questões éticas associadas ao uso de psicoestimulantes, originalmente destinados a condições específicas como o TDAH, mas utilizados para aumentar a produtividade no ambiente acadêmico.

Figura 07: Indicação da Ritalina®.

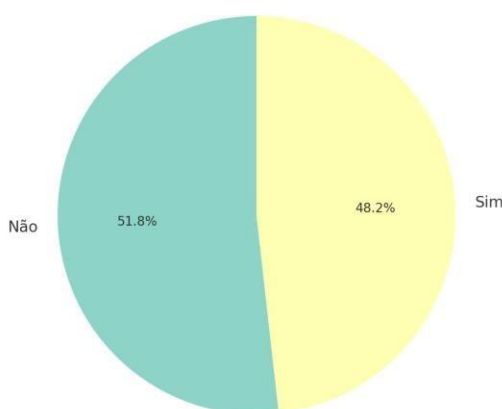


Fonte: Autoria própria.

Numerosos usuários de Ritalina® sem receita médica o fazem exclusivamente para propósitos acadêmicos, indicando que as demandas e pressões de estudo são os principais estímulos para essa utilização (**Figura 08**). Em contextos de alta competição, caracterizados

por prazos apertados e grandes volumes de conteúdo, esses medicamentos são percebidos pelos alunos como uma maneira de melhorar o rendimento, intensificar a atenção e estender o período de estudo. Esta prática não apenas espelha a procura por produtividade, mas também a aceitação social em ascensão do uso de substâncias que auxiliam no enfrentamento das pressões acadêmicas. No entanto, essa tendência suscita dúvidas sobre os perigos para a saúde e as consequências éticas do uso de medicamentos (Cândido *et al.*, 2019).

Figura 08: Uso para fins acadêmicos ou outros.

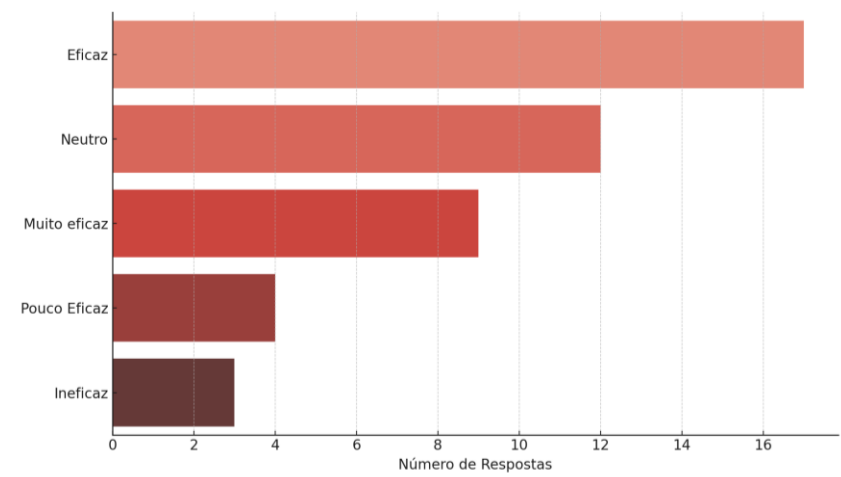


Fonte: Autoria própria.

Geralmente, a percepção de eficácia entre os usuários de Ritalina® sem receita é elevada, o que estimula o uso contínuo, sendo assim, o número da pesquisa que é considerado eficaz está apresentado com o maior número de respostas, particularmente no ambiente acadêmico (**Figura 09**). Alunos que utilizam medicamentos para aprimorar a concentração e a resistência durante períodos de intensa exigência de estudos geralmente relatam um crescimento em sua performance e disposição para realizar tarefas extensas (Campos; Awelino; Romanichen, 2020).

Esta perspectiva otimista sobre os resultados incentiva um ciclo contínuo de uso e estabelece um ambiente em que a prática se torna quase comum entre os colegas, mesmo sem a supervisão médica. No entanto, esse entendimento sobre a eficácia da Ritalina desconsidera possíveis perigos para a saúde, tais como efeitos secundários e o surgimento de uma dependência psicológica, além de desconsiderar as questões éticas relacionadas ao uso de medicamentos destinados a tratamentos específicos (Praxedes; Filho, 2021).

Figura 09: Consideração da eficácia do medicamento estudado.

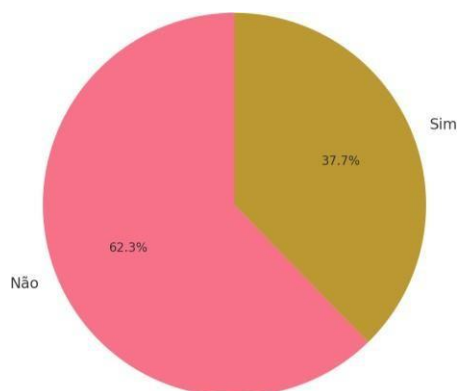


Fonte: Autoria própria.

Grande parte dos usuários de Ritalina® nunca discutiu com um médico sobre o uso deste medicamento, sugerindo que o uso é feito sem qualquer orientação médica (**Figura 10**). Estes comportamentos são importantes, uma vez que a utilização de Ritalina sem supervisão profissional pode representar perigos para a saúde, incluindo efeitos adversos, como aceleração do ritmo cardíaco, insônia, ansiedade e até dependência psicológica. Sem uma avaliação apropriada, os usuários não têm conhecimento do possível impacto desses efeitos e dos perigos que surgem ao utilizar continuamente e sem supervisão um psicoestimulante.

Ademais, a ausência de comunicação com os profissionais de saúde favorece a desinformação, uma vez que muitos alunos não são orientados sobre doses, interações medicamentosas ou contraindicações, o que eleva a susceptibilidade a efeitos colaterais severos (Cândido *et al.*, 2019).

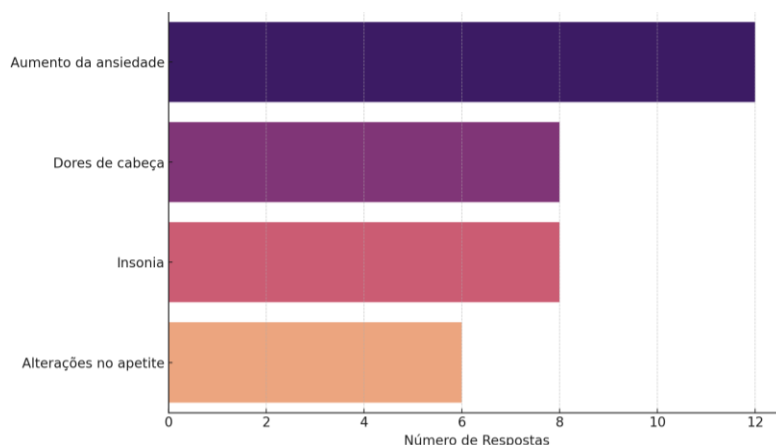
Figura 10: Conversa sobre o uso do medicamento com profissional da saúde.



Fonte: Autoria própria.

Entre as reações adversas mais comuns relatadas por usuários de Ritalina® estão o aumento da ansiedade e as dores de cabeça, destacando os perigos de usar este medicamento sem o devido acompanhamento médico (**Figura 11**). A ansiedade elevada pode comprometer a saúde mental e impactar negativamente a vida acadêmica e pessoal dos alunos, ao passo que as dores de cabeça constantes podem sinalizar que o corpo está reagindo de forma adversa ao uso contínuo de medicamentos. Esses efeitos adversos, juntamente com outros sintomas possíveis, como insônia e taquicardia, destacam a necessidade de um acompanhamento profissional para avaliar a real necessidade do medicamento e estabelecer doses seguras. Sem orientação adequada, os utilizadores podem minimizar os riscos associados, colocando sua saúde física e mental em risco a longo prazo (Praxedes; Filho, 2021).

Figura 11: Efeitos colaterais.



Fonte: Autoria própria.

A maior parte dos participantes admite que a utilização de Ritalina® sem receita médica está se tornando um problema potencial entre os alunos (**Figura 12**). Essa visão demonstra um entendimento coletivo dos perigos ligados a essa prática, que, apesar de ser inicialmente percebida como uma maneira de aprimorar o rendimento escolar, pode resultar em graves impactos para a saúde física e mental. O crescimento do uso descontrolado de medicamentos indica a urgência de debater abertamente os efeitos colaterais e a relevância da supervisão profissional, em forma de acompanhamento médico. Esta percepção pode motivar os alunos a procurarem opções mais saudáveis e a fomentar um ambiente de suporte, no qual o bem-estar e a saúde mental prevaleçam sobre resoluções rápidas.

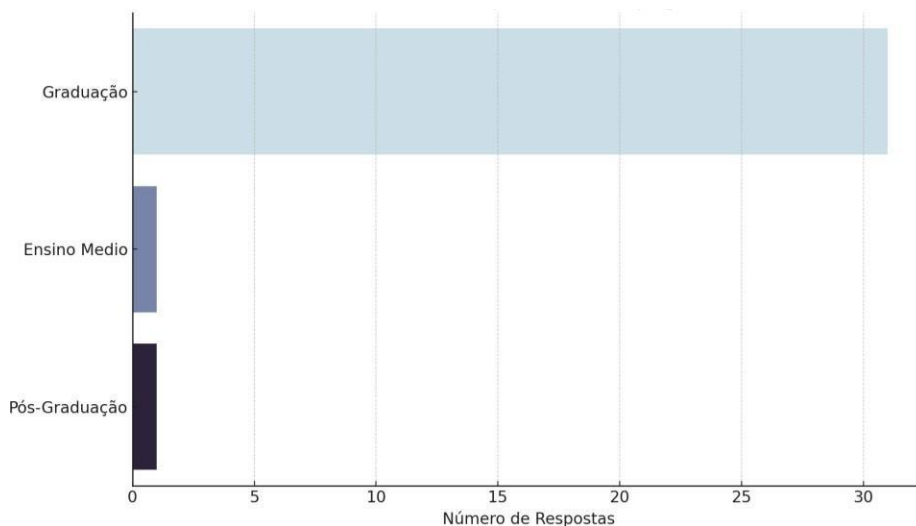
Figura 12: Uso indiscriminado do medicamento estudado.



Fonte: Autoria própria.

Aqueles que usaram Ritalina® sem receita médica geralmente o fizeram durante a graduação, sugerindo que o estresse acadêmico é um elemento fundamental na escolha de recorrer ao medicamento para aprimorar o rendimento (**Figura 13**). A pressão para cumprir prazos, lidar com provas rigorosas e manter um alto padrão de desempenho pode levar os alunos a procurarem soluções ágeis, como a utilização de estimulantes. Esta prática expõe uma tendência alarmante, na qual a procura por rendimento acadêmico prevalece sobre a saúde e o bem-estar. A normalização do uso de Ritalina em universidades indica a importância de debater abertamente as consequências do estresse na vida dos alunos e investigar métodos de administração do tempo e da saúde mental que não requeiram o uso de medicamentos (Cândido *et al.*, 2019).

Figura 13: Momento em que foi usado o medicamento pesquisado.



Fonte: Autoria própria.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou que o uso não recomendado de metilfenidato entre alunos universitários está em ascensão, impulsionado principalmente pela procura de um desempenho acadêmico superior e pela tentativa de gerir a pressão por resultados. Apesar de muitos alunos mencionarem vantagens na concentração e resistência ao cansaço, os perigos ligados ao uso de estimulantes sem supervisão médica são consideráveis, incluindo reações adversas sérias e a possibilidade de dependência. A normalização desse comportamento no meio acadêmico evidencia a necessidade de uma maior sensibilização acerca dos perigos presentes e destaca a relevância de estratégias alternativas e benéficas para aprimorar o rendimento acadêmico.

Ademais, o estudo destaca a importância de políticas governamentais e campanhas de educação que estimulem os estudantes a adotarem comportamentos mais seguros e saudáveis para lidar com os obstáculos acadêmicos, fomentando um ambiente onde o bem-estar e a saúde mental sejam considerados prioritários. A conclusão é que, apesar de os estimulantes parecerem uma solução rápida para problemas de desempenho, o uso descontrolado sem prescrição pode causar graves consequências para a saúde física e mental dos alunos, enfatizando a importância de supervisão profissional e do desenvolvimento de estratégias efetivas para enfrentar as pressões acadêmicas.

6. REFERÊNCIAS

ACOSTA, Dionisio L. *et al.* Nonmedical use of d-Amphetamines and Methylphenidate in Medical Students. **Puerto Rico health sciences journal**, v. 38, n. 3, 2019.

AMARAL, Natália Aparecida *et al.* Precisamos falar sobre uso de Metilfenidato por estudantes de medicina-revisão da literatura. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, p. e060, 2022.

BRITO, Ana Rosa Novaes; LIMA, Cristiane Gomes. Frequência do uso da ritalina por estudantes para um melhor desempenho acadêmico. **Revista Multidisciplinar do Sertão**, v. 4, n. 4, p. 416-424, 2022.

CÂNDIDO, Raissa Carolina Fonseca *et al.* Prevalência e fatores associados ao uso de metilfenidato para neuroaprimoramento farmacológico entre estudantes universitários. **Einstein (São Paulo)**, v. 18, p. eAO4745, 2019.

CAMPOS, Paula Cristina; AWELINO, Jessica Fernanda; ROMANICHEN, Francine Maery Dias Ferreira. Uso Indiscriminado de Ritalina® por estudantes universitários do Norte do Paraná, Brasil, **Brazilian Journal of health Review**, 2020.

CHEFFER, Maycon Hoffmann *et al.* Utilização de metilfenidato por usuários do sistema público de saúde em município da região Oeste do Paraná. **Revista Cereus**, v. 13, n. 2, p. 230- 244, 2021.

CONCEIÇÃO, Amanda Parreira *et al.* Uso da Ritalina para o melhoramento acadêmico nos cursos de Enfermagem e Farmácia. **Revista eletrônica interdisciplinar**, v. 11, n. 1, p. 123- 132, 2019.

MADRIAGA, Alessandro Galoni; DE SENNA JUNIOR, Vicente Antonio. Perspectiva do farmacêutico no uso da ritalina por acadêmicos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 10, p. 910-920, 2021.

PEREIRA, João Filho *et al.* Medicação de alto risco: reflexão da ritalina. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 12, p. e5125-e5125, 2020.

PRAXEDES, Milena De Souza; FILHO, Geovan Figueirêdo De Sá. O uso de metilfenidato entre estudantes universitários no Brasil: Uma Revisão Sistemática. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v. 19, n. 1, p. 39-49, 2021.

RABELO, Alan David Cavalcante *et al.* Prevalência do uso não médico do metilfenidato (ritalina) em estudantes universitários: uma revisão de literatura. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 4, n. 3, p. 673-678, 2023.

SCHUINDT, Alessandra de Almeida Pontes; MENEZES, Vitória Chaves; DE CARVALHO ABREU, Clezio Rodrigues. As consequências do uso da ritalina sem prescrição médica. **Revista Coleta Científica**, v. 5, n. 10, p. 28-39, 2021.